



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE HISTÓRIA**

JOSÉ FLÁVIO SOUSA SILVA

APRENDER SORRINDO: O FILME “AI QUE VIDA!” NO ENSINO DE HISTÓRIA

GUARABIRA-PB

2022

JOSÉ FLÁVIO SOUSA SILVA

APRENDER SORRINDO: O FILME “AI QUE VIDA!” NO ENSINO DE HISTÓRIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciado em História.

Área de concentração: História, ensino e currículo.

Orientadora: Profa^a Dra. Dayane Nascimento Sobreira

**GUARABIRA-PB
2022**

(FICHA CATALOGRÁFICA)

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586a Silva, José Flavio Sousa.

Aprender sorrindo [manuscrito] : o filme "Aí que vida!"
no ensino de história / Jose Flavio Sousa Silva. - 2022.

18 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades , 2022.

"Orientação : Profa. Dra. Dayane Nascimento Sobreira ,
Coordenação do Curso de História - CH."

1. Cinema . 2. Ensino de História. 3.
Aprendizagem histórica. I. Título

21. ed. CDD 981

JOSÉ FLÁVIO SOUSA SILVA

APRENDER SORRINDO: O FILME “AI QUE VIDA!” NO ENSINO DE HISTÓRIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciado em História.

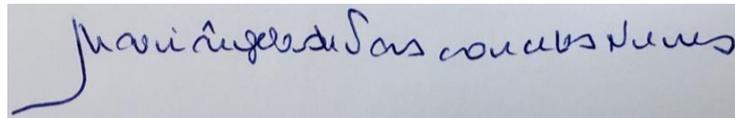
Área de concentração: História, ensino e currículo.

Aprovado em: 20/07/2022

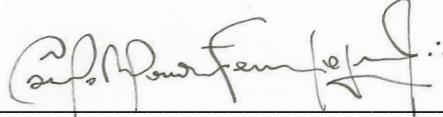
BANCA EXAMINADORA



Profª Dra. Dayane Nascimento Sobreira (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba



Profª Dra. Mariângela de Vasconcelos Nunes (Examinadora 1)
Universidade Estadual da Paraíba



Prof. Dr. Carlos Adriano Ferreira de Lima (Examinador 2)
Universidade Estadual da Paraíba

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 – Comício do prefeito Zé Leitão	09
Figura 02 – O vereador Paixão comunica a Zé Leitão a respeito da morte da criança.....	10
Figura 03 – Cleonice em campanha política	10
Figura 04 – Charlene e Valdir	11
Figura 05 – Cleonice no debate eleitoral.....	15

SUMÁRIO

1 “AI QUE VIDA!”: POSSIBILIDADES DE ANÁLISE	08
2 CONEXÕES HISTÓRICAS: ENTRE O PASSADO E O PRESENTE.....	12
3 O CINEMA COMO RECURSO NO ENSINO DE HISTÓRIA.....	15
CONSIDERAÇÕES FINAIS	18
REFERÊNCIAS	19
AGRADECIMENTOS.....	20

APRENDER SORRINDO: O FILME “AI QUE VIDA!” NO ENSINO DE HISTÓRIA

José Flávio Sousa Silva¹

RESUMO

O mundo em que vivemos está em constante transformação e o acesso a diferentes tecnologias tornou-se inevitável, trazendo consigo uma enorme quantidade de informações em tempo real que podem ser acessadas a qualquer hora e lugar. Tendo em vista que com o advento da internet, há cotidianamente a necessidade de se estar conectado. Dessa forma, o professor precisa ter um maior desempenho e desenvolver habilidades de ensino que vá de encontro a essas tecnologias. Desse modo, o trabalho do professor de História em sala de aula como mediador de conhecimentos históricos, não se limita apenas ao processo tradicional de dar aula e transmitir teorias prontas e acabadas, cabe a ele desenvolver metodologias que permitam ao aluno um maior entendimento, facilitando a aprendizagem, de preferência em constante relação com a realidade do aluno. Dessa forma, o presente trabalho tem por finalidade manifestar as possibilidades e potencialidades do filme “Ai que vida!” no ensino de História a partir da relação de fatos e acontecimentos históricos como coronelismo, corrupção política e o poder da mulher na sociedade e na política, tendo em vista também a importância e contribuição do cinema no estudo da História. A partir do diálogo com autores como Leal (2012), Carvalho (1997) e Souza (2010), realizamos uma análise do referido filme (dentre outras possíveis), visando destacar a importância de uso da linguagem cinematográfica em sala de aula. Conclui-se que o trabalho com o filme “Ai que vida!” abre possibilidades de trabalho pedagógico em diálogo com a cultura e linguagem familiar ao aluno, principalmente dos interiores do Nordeste brasileiro, para além, inclusive, das destacadas neste trabalho.

Palavras-chave: Cinema; Ensino de História; Aprendizagem histórica.

ABSTRACT

The world we live in is in constant transformation and access to different technologies has become inevitable, bringing with it a huge amount of real-time information that can be accessed at any time and place. With the advent of the Internet, there is a daily need to be connected. Thus, the teacher needs to perform better and develop teaching skills to meet these technologies. Thus, the work of the history teacher in the classroom as a mediator of historical knowledge is not limited only to the traditional process of teaching and transmitting ready-made theories. It is up to him to develop methodologies that allow the student a better understanding, facilitating learning, preferably in constant relation to the student's reality. In this way, the present work aims to manifest the possibilities and potentialities of the movie "Ai que vida!" in History teaching from the relation of historical facts and events such as "coronelismo", political corruption, and the power of women in society and politics, also taking into account the importance and contribution of cinema in the study of History. From the dialogue with authors such as Leal (2012), Carvalho (1997) and Souza (2010), we carried out an analysis of the referred film (among other possible ones), aiming to highlight the importance of using the cinematographic language in the classroom. We conclude that the

¹ Graduando em História pela Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: joseflaviosousasilva@hotmail.com.

work with the film "Ai que vida!" opens possibilities of pedagogical work in dialogue with the culture and language familiar to the student, especially from the interior of the Brazilian Northeast, beyond, including, those highlighted in this work.

Keywords: Cinema; History Teaching; Historical Learning.

1 “AI QUE VIDA!”: POSSIBILIDADES DE ANÁLISE

Em meio às belas paisagens e cenas comuns do cotidiano da vida do povo nordestino, como a venda de produtos nas paradas e terminais rodoviários, a ida a feira e o uso de caminhões adaptados para o transporte de passageiros, conhecido popularmente como “pau de arara”, ainda é muito usado nos dias atuais nas pequenas cidades nordestinas. O problema das estradas esburacadas em um cenário rural aparece logo de início numa cena cômica em que um fogo de artifício é acionado no escapamento do carro D-20 em que as pessoas voltam da feira. Uma leitura social é misturada ao riso, o que se intensifica na própria música que embala o começo do filme, no comício do candidato à reeleição, Zé Leitão do Rabo Preso, realizado na praça da cidade. A música traz na sua letra o próprio título: “vou te abraçar, vou te beijar, vou te dar muito carinho porque te amo, porque te quero, você é meu xuxuzinho, aqui que vida, ai que vida”.

Trazendo esse cenário da vida cotidiana do Nordeste do Brasil, o filme “Ai que vida!” é marcado por uma linguagem simples, coloquial e uso de gírias por alguns de seus personagens. O filme ora é cômico, ora apresenta reflexões políticas, sociais e morais profundas.

De produção semi-amadora, o filme, do gênero comédia dramática, lançado em 14 de setembro de 2008, é uma produção do cineasta e jornalista piauiense Cícero Filho. Ao mesmo tempo sério e cômico, provoca-nos reflexões e nos leva a pensar em possibilidades de seu uso no ensino de História.

O filme circulou amplamente nas feiras livres através de vendedores ambulantes de CDs e DVDs, numa época em que os aparelhos de reprodução dessa mídia estavam em alta. Comprar um DVD na feira era garantia de lazer em muitas casas das classes menos abastadas do interior da Paraíba e do Nordeste como um todo, e aqueles que não possuíam este aparelho, reuniam-se nas casas de colegas e vizinhos para assistir principalmente filmes e shows musicais. Era garantia certa de entretenimento e diversão.

Com o advento da popularização da Internet, hoje disponível através de redes Wifi, 3G e 4G em computadores, TVs e smartphones, é interessante e até engraçado de mencionar que esses DVDs reproduzidos e vendidos por um valor irrisório em saquinhos plásticos geralmente tinham até mais de um filme em um mesmo disco. “Ai que vida!” geralmente aparecia em discos 5x1, em que também estavam outros filmes como: “Entre o amor e a razão”, da mesma linhagem e até com os mesmos atores, embora o primeiro tenha se tornado mais popular. Hoje o filme aqui analisado, se encontra disponível no YouTube e pode ser acessado por qualquer pessoa, a qualquer hora e lugar. O qual, no início do mês de julho de 2022 já contava com mais de 244 mil visualizações. As filmagens do longa ocorreram nas cidades de Amarante, Esperantinópolis, e Timon, no Maranhão, e Teresina no Piauí.

O filme foi produzido pela TVM Filmes, tendo direção de Cícero Filho e edição de David Marinho; roteiro de Cícero Filho e Diógenes Macêdo. Compôs o elenco: Irisceli Queiroz, no papel de Charlene, Rômulo Augusto (Valdir da Cruz Piedade), Wellington Alencar (Gerald Crows Woff), Sara Castro (Mona), Toinha Catingueiro (Cleonice da Cruz Piedade), Feliciano Popô (Zé Leitão), Danilo Costa (Vanderlei), Solange Noletto (Xica do Pote), Josimar Coelho (Paixão), Gunnar Campo (Romeu).

Com duração de aproximadamente 01h e 30m, o enredo acontece na cidade fictícia de Poço Fundo, uma típica cidade do interior do Nordeste brasileiro que sofre com o descaso e desmando de seu prefeito corrupto, que tendo permanecido no mandato por quatro anos nada fez para mudar a situação caótica da população. Com promessas descabidas, favores políticos e programas sociais que não funcionam, consegue enganar o povo a ponto de se candidatar para concorrer à reeleição.

Na cidade de Poço Fundo, assim como ocorria nas campanhas políticas das cidades brasileiras, os comícios dos anos 90 e início dos anos 2000 eram marcados por grandes shows de bandas musicais de sucesso e o candidato mais forte era aquele que trazia a melhor banda e arrastava a maior multidão, fazendo com que o povo se esquecesse da finalidade principal dos comícios, como o que se realiza na primeira parte do filme (Figura 01).

Figura 01 – Comício do prefeito Zé Leitão



Fonte: Filme “Ai que vida!” (2008)

A realidade da cidade de Poço Fundo estava em total abandono, não havia infraestrutura, médicos nem enfermeiros nos postos. Uma criança morreu na porta do hospital por ter ingerido medicamento vencido distribuído pela candidata à vereadora Xica do Pote, principal companheira e apoiadora do prefeito Zé Leitão.

Outro apoiador e cúmplice das falcatruas do prefeito Zé Leitão era o vereador e candidato à reeleição Paixão, o qual estava envolvido no superfaturamento de caixões na funerária em que era dono. Na mesma funerária trabalhava Vanderlei, rapaz de comportamentos afeminados, muitas vezes criticados até por sua própria mãe, o que pode ser observado no filme nas seguintes frases mencionadas por Cleonice: “toma jeito de homem Vanderlei, macho não reclama de trabalhar”, “homem não tem sentimento, sentimento é coisa de qualira²”.

² Termo pejorativo utilizado na região do Maranhão para se referir ao homossexual masculino afeminado.

Figura 02 – O vereador Paixão comunica a Zé Leitão a respeito da morte da criança



Fonte: Filme “Ai que vida!” (2008)

A morte do neto de dona Raimunda, uma mulher negra, por falta de atendimento médico na porta do hospital e falta de caráter e respeito do prefeito Zé Leitão, assim como a situação precária do povo da cidade, deixa revoltada e indignada Cleonice, esposa do vereador Paixão, que com coragem e bravura decide se candidatar e concorrer ao cargo de prefeita. Decisão essa que não agradou seu esposo, que retrucou dizendo: “mulher minha se metendo em política! Vamos acabar com isso, Cleonice, enquanto é cedo (...), você não é nem doida se meter em política contra compadre Zé Leitão, que é um bom homem e vai ganhar a eleição”. Mas Cleonice não recua, põe seu esposo para fora de casa e com apoio de seus filhos se lança candidata, passando a receber apoio de populares ao fazer campanha pelas ruas por onde passa. Sua candidatura ganha força quando em um debate televisivo ela desbanca o prefeito, mostrando a realidade em que se encontra a cidade.

Logo em seguida em um comício, na tentativa de se reconciliar com Cleonice, o vereador Paixão sobe no palco em que sua esposa discursa, toma o microfone e desmascara o prefeito Zé Leitão ao revelar ao povo o sistema da máfia dos caixões, em que o mesmo a mando do prefeito alterava o valor das notas. Paixão era do lado de quem tivesse com mais vantagem na corrida eleitoral da cidade de Poço Fundo.

Figura 03 – Cleonice em campanha política



Fonte: Filme “Ai que vida!” (2008)

Cleonice da Cruz Piedade, com simplicidade e propostas de melhorias, consegue desmascarar o prefeito Zé Leitão e sai vencedora das eleições com quase 100% dos votos. Com a derrota em Poço Fundo, Zé Leitão e sua aliada Xica do Pote já planejam entrar na

política em outra cidade onde não são conhecidos, para assim enganar e roubar o povo mais uma vez.

Por outro lado, o filme relata o triângulo amoroso vivido pela dançarina e voluntária de uma instituição filantrópica, Charlene, Gerald, jovem rico, de posses e noivo de Charlene, e Valdir, um rapaz namorador, pouco afeito ao trabalho, que sempre está envolvido em confusões e situações desastrosas. Em uma dessas foi pego na cama com a primeira-dama Rosinha e por pouco não é atingido por tiros disparados por Zé Leitão. Na cena da fuga, que arranca risadas do expectador, perde o lençol no qual estava enrolado e para não chegar em casa pelado rouba um vestido estendido no varal vizinho.

Na companhia de seu amigo e primo Romeu, Valdir após furtar um desodorante em um mercadinho, é condenado a prestar serviço voluntário na mesma entidade em que Charlene ministra aulas de dança a meninas carentes; ambos já haviam se conhecido em um momento inusitado no parque de diversão recém-chegado na cidade, onde Charlene após se divertir em alguns brinquedos sente-se mal e vomita em cima de Valdir. O primeiro contato do casal se deu nessa situação embaraçosa, o que é típico de comédias românticas.

A presença do parque de diversão na cidade de Poço Fundo, ainda que no filme não seja explícita a razão pela qual ele está ali, nos faz lembrar as festas de padroeiros e padroeiras com suas danças folclóricas, quermesses, casas de jogos e venda de comidas típicas. Festas essas muito populares e comemoradas por toda região Nordeste até os dias atuais.

Valdir passa a conviver diariamente com Charlene, fazendo parte das atividades cotidianas da organização “Casa de Taipa” e à medida que desperta sentimentos por ela, também vai aprendendo a fazer algo útil que ajude as pessoas a ponto de ficar de forma definitiva no trabalho voluntário.

Figura 04 – Charlene e Valdir



Fonte: Filme “Ai que vida!” (2008)

Charlene a todo o momento é influenciada por sua amiga um pouco interesseira Mona, e mesmo tendo se apaixonado por Valdir, decide se casar com Gerald, mas no dia do seu casamento tudo parece dar errado: perde o buquê, uma cachorra rasga seu véu, a sandália quebra e, para completar, seu pai chega bêbado, porém o pior ainda estava por vir. Durante a cerimônia de seu casamento, uma mulher entra desesperada na igreja pedindo para o noivo não casar porque o ama e está esperando um filho dele. Com essa decepção, Charlene fica triste e arrasada, sai correndo da igreja, junta suas roupas e resolve ir embora da cidade. Novamente, um ápice que dá um tom de comédia romântica à narrativa do filme.

Ao saber que seu amor não havia casado e que estava partindo, Valdir corre desesperado para impedi-la. Pede informações aos moradores e populares ao alcançá-la. Num

primeiro momento, a moça se recusa a descer do veículo em que estava, uma van, deixando o jovem desolado e triste. Porém, em seguida, a mesma manda parar o carro e vai ao encontro de seu verdadeiro amor.

2 CONEXÕES HISTÓRICAS: ENTRE O PASSADO E O PRESENTE

Embora o filme aqui analisado ora apresente cenas cômicas, ora cenas românticas, que fazem o espectador rir e se emocionar, em alguns momentos apresenta cenas que nos leva a pensar em seu uso em sala de aula como um instrumento de aprendizagem. Partindo deste princípio, a partir deste momento passo a analisar alguns pontos que podem ser relacionados ao ensino de História como, por exemplo o Coronelismo e suas práticas na política do Brasil durante a Primeira República, a corrupção política e a força de transformação da mulher, entre outros. Será deste primeiro ponto que tratarei a seguir.

Para entender o que de fato foi o movimento conhecido como Coronelismo, é preciso voltar à história política brasileira. No início do século XX, durante a Primeira República, período também conhecido como República Velha ou República dos Governadores, que vai de 1889 a 1930, o movimento político conhecido como “Coronelismo” teve sua origem. Essa prática foi o que sustentou a chamada República oligárquica brasileira, ou seja, o domínio das oligarquias rurais, tendo em vista que neste período a população brasileira era predominantemente rural, ou seja, a maior parte da população residia no campo, cenário esse que só se modifica após 1930, com o processo de industrialização. À medida que as cidades vão aos poucos se industrializando, as pessoas vão deixando o ambiente rural e passam a viver e habitar esses espaços urbanos.

O termo *Coronelismo* deriva da palavra coronel, neste caso não se trata de uma patente militar do exercito, mas aqui é representada por donos de terra, fazendeiros que detinham determinados poderes e controle sobre populações locais. A origem de tal denominação se deu durante o período regencial quando sugeriram diversas rebeliões populares como cabanagem, Balaiada, Sabinada, e, para controlar essas rebeliões, o governo contou com a ajuda de grandes proprietários de terras que reprimiam esses movimentos onde eles eclodiam com a formação de milícias locais, esses tornaram-se os chefes da força nacional, fato que com o passar do tempo deu a esses homens ricos, latifundiários a denominação popular de *coronel*.

Apesar de outros movimentos da política mundial se assemelhar com o Coronelismo, como por exemplo, o Caudilhismo, este é um movimento exclusivamente brasileiro que, segundo José Murilo de Carvalho (1997), só aconteceu na esfera rural, ou seja, segundo este autor, este movimento não se estendeu para as cidades, visto que a presença do coronel era predominantemente no meio rural onde se encontrava suas terras.

Os coronéis acabaram virando a grande figura política da Primeira República, seu poderio vinha exclusivamente da posse da terra, visto que a maior parte da população dependia da terra para trabalhar e sobreviver, pois no início do século XX as populações rurais do Brasil passavam por um período de grande miserabilidade (inclusive porque a escravidão havia sido abolida, mas não foram dadas condições de trabalho aos recém-libertos), condição essa que pode sustentar e explicar a dependência que as pessoas pobres tinham do coronel. Assim, criaram-se relações que iam além de relações políticas, mas também econômicas e sociais, pois existiam importantes relações de troca de favores que ora beneficiava as pessoas, ora beneficiava o coronel em uma relação clientelista que caracteriza esse período (LEAL, 2012).

Tendo em vista que durante a Primeira República o Estado era bem mais ausente que nos dias atuais, a figura do coronel era muitas vezes a única referência pela qual se obtinha algum tipo de benefício, além de segurança e poder. O coronel era uma espécie de referencial

que na maioria das vezes se mostrava como um sujeito que possuía um conjunto de dotes que impõe respeito e muitas vezes até admiração. Em muitos casos a relação das pessoas com o coronel de uma determinada região era tão estreita que essas o tomavam como padrinho de seus filhos fazendo com que o coronel contasse com inúmeros afilhados, fato esse que contribuía para aumentar a quantidade de pessoas subordinadas a ele. De acordo com o que defende Carvalho (1997), o coronelismo foi, então, um sistema político nacional, baseado em barganhas entre o governo e os chamados coronéis.

As pessoas não possuíam acesso à informação, não eram alfabetizadas, detinham pouco conhecimento e viam no coronel certa segurança, já que este dava emprego, roupa, moradia, remédio e alimentação, mas que em troca exigia o voto. Quanto mais pessoas o coronel conseguisse manipular, mais forte e poderoso ele era. Suas áreas de domínio e influência ficaram conhecidas como currais eleitorais, uma alusão ao espaço cercado onde se cria gado. Outra expressão que também se derivou deste período foi o “voto de cabresto”, onde as pessoas do domínio do coronel deveriam votar no candidato indicado por ele. Nesta época o voto não era secreto, a pessoa declarava seu voto publicamente, muitas vezes acompanhado de perto pelo coronel ou por um jagunço contratado por ele. A não obediência às indicações eram reprimidas de forma agressiva e violenta, assim como o indivíduo estava sujeito a perder os benefícios oferecidos pelo coronel. Porém,

O poder político dos coronéis nem sempre era incontestável. Aqui e ali havia oposição, mas proveniente de outro coronel ou grupo de coronéis que disputavam as graças das oligarquias estaduais para estabelecer o domínio político local. Também no Estado havia disputa, e em vários deles havia disputa entre oligarquias pelo poder (LEAL, 2012, s/p).

O voto era o único recurso que esses indivíduos tinham para conseguirem qualquer benefício a seu favor e por isso usava-o como instrumento de troca ou como forma de demonstrar fidelidade e gratidão pelos recursos oferecidos pelo coronel.

As eleições, por sua vez, eram fraudulentas, com práticas como o roubo de urnas, pessoas que votavam duas e até mais vezes, roubo de votos durante a votação ou durante a contagem, a contabilização de votos de pessoas mortas, votos que passavam de um candidato para outro, entre outras. Essas eleições muitas vezes eram organizadas pelo próprio coronel ou por pessoas ligadas diretamente a ele.

Esses votos assegurados pelo coronel saíam do âmbito rural e elegiam desde prefeitos a governadores e presidentes, que era predominantemente um paulista ou um mineiro na chamada política do café com leite, por fazer referência aos dois maiores estados produtores de café e leite: São Paulo e Minas Gerais, respectivamente.

Embora esses coronéis não exercessem de fato nenhum cargo público, esses possuíam grande influência nas decisões públicas. Eram eles muitas vezes que determinavam onde os recursos públicos deveriam ser aplicados, seja na construção de pontes, estradas, pavimentação de vias, entre outras obras que beneficiassem o povo ou até mesmo em algo que fosse apenas lhe favorecer. Era comum ver pessoas de sua família ou próximas a ele ocupando empregos públicos, também exercia um importante papel na escolha de delegados e juízes. O coronel influenciava até mesmo nos assuntos relacionados à Igreja.

Contudo, à medida que as elites rurais perderam seu poder e sua principal função, conseguir votos, a relação coronelista com as pessoas gradativamente deixa de existir, porém, as práticas clientelistas ganharam força, agora invés do coronel o próprio político barganha o voto. Ainda que muitas dessas práticas não sejam diretamente uma forma distinta de corrupção, de alguma maneira elas contribuem para isso.

No filme “Ai que vida!”, o prefeito, Zé Leitão, e seus vereadores Paixão e Xica do Pote, perfilam, não sem arrancar nossas risadas, a herança das nossas bases coronelísticas

mais profundas. No comício que abre o filme, suas promessas são as mais esdrúxulas, como colocar um ventilador bem grande na praça pública para evitar o calor.

Embora o coronelismo tenha sido um fenômeno político predominantemente da Primeira República do Brasil e ainda que hoje vivemos em outra realidade social totalmente diferente da do início do século XX, muitas das práticas políticas corruptas daquela época são presenciadas até os dias atuais como, por exemplo, a compra de votos e a troca de favores e benefícios pessoais pela obtenção do voto.

Várias são as formas de corrupção que encontramos na política brasileira: formação de quadrilha, lavagem de dinheiro, pagamentos de propinas, caixa dois, superfaturamento de obras, esquema nas licitações, desvio de verbas públicas, entre outras. Podendo ser individual ou em grupo, sempre é notícia nos telejornais de maior audiência no país. Porém, o que é noticiado é apenas uma pequena fatia, pois muitas dessas formas de corrupção nem são descobertas e ficam impunes, visto que essas formas de corrupção política são crimes de acordo com o artigo 333 do Código Penal.

O Brasil tem um infeliz histórico de corrupção que envolve diversos políticos, empresas e até pessoas comuns. A corrupção pode acontecer nos mais variados seguimentos da administração pública, desde pequenos pagamentos de propinas a desvios milionários dos cofres públicos ou de empresas estatais, como no caso da Petrobrás e, mais recentemente, da compra de vacinas da Covid-19, que viraram escândalos que foram amplamente divulgados.

A corrupção, no plano da moralidade política, deve ser compreendida a partir de valores pressupostos, conforme concepções normativas de interesse público que configuram o que é e o que não é corrupção, tendo em vista normas que têm um caráter formal ou informal. Por esta assertiva, a corrupção espelha, sobretudo, uma natureza moral que depende dos juízos que atores relevantes fazem a respeito da ordem política (FILGUEIRAS, 2009, p. 398).

Assim, a corrupção é a ferramenta que a classe política muitas vezes recorre para articular seus interesses no âmbito público e obter ganhos privados.

Outro fato relevante que não poderia deixar de mencionar é o poder transformador da mulher no filme “Ai que vida!”. Cleonice desempenha o papel de mulher forte e corajosa que, revoltada com o descaso da administração pública e, sobretudo da falta de caráter do prefeito Zé Leitão, se candidata a prefeita e vence as eleições.

Representando tantas outras mulheres que estão imersas em duplas ou até triplas jornadas de trabalho, Cleonice além de desempenhar o papel de mãe e cuidar de várias outras funções domésticas, ainda tem determinação para se lançar prefeita de Poço Fundo. O que também acontece na sociedade fora da ficção. Temos inúmeros exemplos de mulheres ocupando cargos relevantes na sociedade e, sobretudo, na política. Porém, a trajetória de lutas e batalhas por maior igualdade social e de gênero e por uma maior participação nos cargos políticos vem de mais longe.

Figura 05 – Cleonice no debate eleitoral

Fonte: Filme “Ai que vida!” (2008)

As mulheres, para conquistarem o direito ao voto, participaram de inúmeros movimentos, enfrentaram grandes repressões e conflitos e só conquistaram esse direito após mais de cem anos de lutas. Apenas no ano de 1932, no governo de Getúlio Vargas, votaram pela primeira vez. No entanto, nem todas as mulheres tinham esse direito, apenas as casadas e as viúvas que tinham algum tipo de renda. Apenas na década de 40 esse direito se expandiu.

Muito já foi conquistado, porém há uma enorme disparidade social e política. Embora os votos das mulheres sejam decisivos, visto que elas são o maior eleitorado, por outro lado são minorias nas candidaturas e nos cargos públicos, mesmo já havendo leis que garantam maior participação no espaço político; elas continuam ficando com uma pequena parcela desses cargos se comparados com os que são assumidos por indivíduos do sexo masculino.

O Brasil possui um infeliz histórico de fatos e acontecimentos ruins contra “o feminino”, apesar de em alguns momentos as mulheres brasileiras ocuparem cargos públicos de grande relevância, estes, reforçamos, na grande maioria ocupados por homens. Ao ocuparem determinados cargos sociais e políticos, sobre as mulheres recai uma carga que exige que não cometam nenhuma falha, fato esse que não pesa sobre os homens quando ocupam os mesmos cargos, como se sobre elas recaísse a responsabilidade de ser melhor – sempre.

As mulheres, ao se lançarem no meio político, não querem apenas se candidatar e serem eleitas, querem ser ouvidas e tratadas igualmente como sujeitos/sujeitas de transformação social. Talvez só assim a política brasileira seja de fato diferente e melhor, como foi em Poço Fundo.

3 O CINEMA COMO RECURSO NO ENSINO DE HISTÓRIA

Em pleno século XXI, é inegável não reconhecer o papel do cinema para o ensino de História e, sobretudo, do seu uso como recurso didático nas salas de aulas, “focando-se na relação entre o conteúdo do filme, suas características como documento histórico, os problemas de ordem político-ideológica implicadas na produção e o conteúdo a ser trabalhado pelo professor” (SOUZA, 2010, p. 26). Nesta perspectiva, o filme trabalhado em sala de aula pelo professor deve ter a função de chamar a atenção do aluno para as questões que ele deseja apresentar. No entanto, cabe a ele despertar o aluno para essas questões tendo em vista que o filme não pode ser visto apenas como algo de distração e passatempo, mas deve ter a finalidade de ser um gerador de conhecimentos históricos.

Ainda faz parte do papel do professor procurar apresentar filmes que não estejam distantes da realidade social e cultural dos alunos, ou seja, que o filme escolhido pelo

professor dialogue diretamente com o cotidiano desses alunos, pois dessa forma é possível que o aluno se veja representado no que está sendo assistido. Por outro lado, o professor deve buscar resultados ao final da apresentação, fazendo com que o aluno perceba a importância que tem esse tipo de trabalho e sua função didática, adquirindo capacidade de relacionar o que foi assistido com reflexões históricas acerca de um determinado fato histórico. E como traz Souza (2010), “há também a possibilidade de compreendê-los no jogo de forças políticas e sociais de produção de sentidos sobre a história, tornando-se referenciais fundamentais na cultura e na didática da história e situando-se como agentes da história” (SOUZA, 2010, p. 27).

A grosso modo, diferentemente do trabalho do historiador, que está sempre aprimorando seus estudos a partir de análises críticas do documento, o trabalho do cineasta tem por finalidade o entretenimento, a garantia de que seu filme será bem assistido, buscando impressionar, divertir e emocionar o espectador. O professor deve estar ciente desses vieses para não se recair em perigos, como o sinalizado abaixo, de uso pouco problematizado dessas produções fílmicas.

Contudo, ao mesmo tempo em que muitos historiadores criticam os cineastas que tratam de temas históricos, muitos também acabam utilizando o cinema com meio de informação sobre determinada temática que não dominam, utilizam-nos como material didático, informativo e, inclusive, formativo (SOUZA, 2010, p. 28).

Ao se trabalhar um filme em sala de aula é preciso ter um olhar atento à produção cinematográfica, intencionalidades, as omissões, os efeitos, a criação de enredos e personagens e, sobretudo, as aproximações e distanciamentos a respeito da história. Até que ponto ele pode fornecer conhecimento histórico, tendo sempre o cuidado de evitar que o espectador, nesse caso os alunos, tome como verdades a fala de determinados personagens e o que é apresentado no filme como um todo. Desse modo, cabe ao professor selecionar o que está em conformidade com o ensino de História e com o tema da aula apresentada, seja no filme usualmente entendido como de caráter histórico ou não. Antes de tudo um filme é uma fonte que traz informações do seu tempo de produção, no caso, a contemporaneidade mais próxima ou não do tempo presente.

Filmes históricos são aqueles que têm a preocupação de retratar imagicamente fatos históricos a partir de uma análise historiográfica. No entanto, filmes que não são considerados históricos também podem trazer em sua produção cinematográfica fatos, acontecimentos e pontos relacionados com determinados temas que podem ser trabalhados e desenvolvidos pelo professor de História em sala de aula, como é o caso do filme aqui analisado. “Ai que vida!”, apesar de ser um filme voltado para o entretenimento, proporcionando ao espectador o riso, em alguns momentos reproduz cenas do cotidiano que nos faz pensar e relacionar fatos e acontecimentos passados. Daí a importância primordial do professor em direcionar seu aluno para compreender a produção cinematográfica e conseguir tirar dela os elementos essenciais de produção do conhecimento histórico, pois toda essa produção, independente da temática e da representação que o filme trate, por si só já fornecem elementos que contribuem para o ensino de História, seja por sua representação artística e cultural ou pelos recursos cinematográficos de sua produção.

Desta forma, ao trabalhar um filme em sala de aula o professor fornece ao aluno a possibilidade de adquirir um conhecimento histórico fora dos padrões “normais” de ensino-aprendizagem. Por outro lado, é uma oportunidade para o professor analisar como se posicionam seus alunos diante de tal atividade, se eles veem no filme a representação fidedigna do passado ou se desconfiam criticamente da produção fílmica, pois é importante ressaltar que “os filmes históricos, inclusive os documentários são perspectivas da História, com fins específicos conforme sua procedência, e na maioria das vezes estão voltados ao

entretenimento do grande público, buscando aferir lucros com sua ampla divulgação” (SOUZA, 2010, p. 37).

Toda produção fílmica é rodeada de interesses no presente da produção. Assim, mesmo o diretor tendo feito uma minuciosa pesquisa, ele não tem uma preocupação didática, sendo livre para criar cenários, dar vida a personagens, criar falas, sempre na tentativa de encantar seu público. Porém,

A presença do cinema no campo da pesquisa e do estudo em história pode ser considerada consolidada. Essa posição se deve, entre outros fatores, àqueles de ordem historiográfica – ampliação das fontes, inovações metodológicas, novas perspectivas teóricas, etc. –, mas também deve ser associada à configuração sociocultural da contemporaneidade em que a imagem se tornou uma forma preponderante de expressão e comunicação (FERREIRA, 2020, p. 05).

Assim como os novos recursos didáticos, sobretudo aqueles voltados para as chamadas novas tecnologias, os filmes, apesar de não serem produções relativamente recentes, ganharam maior visibilidade e espaço como propulsores de conhecimentos dentro das salas de aula de História.

Vários fatores contribuíram para o reconhecimento da relevância ou até da necessidade de promover a introdução de linguagens variadas no ensino de história. Ganha destaque, nesse sentido, as imagens, sobretudo aquelas que envolvem movimento e som ou estão diretamente relacionadas com as inovações tecnológicas (FERREIRA, 2020, p. 06).

Mesmo enfrentando divergências de opiniões dos historiadores a respeito do uso de diferentes fontes didáticas, tendo em vista que muitos professores ainda preferem e adotam os modos tradicionais de ensino-aprendizagem, seja por falta de recursos e investimentos do poder público, falta de recursos da instituição de ensino ou simplesmente por estarem presos aos métodos convencionais de ensino, “ainda assim, a utilização de imagens, principalmente aquelas com som e movimento – como filmes – é uma alternativa pedagógica cada vez mais interessante” (FERREIRA, 2020, p. 07).

De modo geral, tendo em vista que há uma gama de informações das quais o aluno dispõe ao acessar os diferentes meios tecnológicos, isso exige que o professor esteja sempre em processo de transformação de seus métodos de ensino:

Isso faz com que o educador tenha que ir muito além do que era ensinado tradicionalmente nos currículos das escolas, em especial na disciplina de história nas décadas passadas, pois os ensinamentos trazem sempre junto a seus conteúdos orientações formativas ao indivíduo. Dessa forma, para se pensar o ensino de história hoje, temos que vencer o desafio de criar novas maneiras de formar e capacitar às novas gerações de nossa sociedade (BENTO, 2003, p. 03).

No entanto, “os professores em grande parte se tornam reféns das dificuldades, pois trazem de sua formação bagagens a serem transpostas na sala de aula, e não recebem os devidos meios a serem utilizados” (BENTO, 2003, p. 05). Dessa forma, o professor, ao trabalhar com filmes em sala de aula, além de proporcionar ao aluno uma nova metodologia de ensino, ao mesmo tempo está se reinventando, utilizando os recursos tecnológicos como instrumentos de aprimoramento de suas aulas.

Na era da informação, o aluno precisa adquirir os recursos críticos necessários para conviver socialmente como um cidadão que conhece seus direitos e deveres perante a sociedade.

Portanto, nesse contexto observamos que a escola, e em especial, o profissional de História, exercem funções formativas importantíssimas para o desenvolvimento de uma consciência histórica capaz de fazer com que os indivíduos sejam capazes de se entender temporalmente e de pensar a construção histórica de suas vidas de uma forma mais qualificada e abrangente (BENTO, 2003, p. 07).

Assim, o trabalho com filmes aponta para caminhos e desafios de trabalho pedagógico pelo professor, e no nosso caso, nas aulas de História. Sempre se refletindo sobre quais marcas do presente sua narrativa traz, é um material importante ainda mais se levarmos em consideração que estamos imersos em uma sociedade da imagem e das diferentes linguagens, difundidas principalmente pelo advento da Internet.

O filme “Ai que vida!”, de produção amadora e bastante popular, desloca nosso olhar para as continuidades históricas, o cotidiano e a vida da pequena cidade de Poço Fundo. E mais isso, arranca nosso riso e atenção com sua narrativa cômica, denunciativa e por vezes romântica. Entendemos que é um material rico a ser utilizado nas aulas de História também por se aproximar de uma linguagem próxima aos alunos da região Nordeste, que de algum modo veem sua cultura representada ali.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No processo de ensino e a aprendizagem não existe regras pré-elaboradas ou barreiras que impossibilitem o uso de tal ou qual fonte, tendo em vista uma troca de conhecimentos, visto que o aluno também detém conhecimentos que contribuem para o desenvolvimento e aprendizagem do professor. Tudo que se poder usar como recurso didático, seja uma imagem, uma poesia, ou até mesmo um filme, conta favoravelmente neste processo.

Perceber a historicidade que há nos elementos à nossa volta torna-se uma necessidade cada vez maior no mundo cercado de informações soltas e a priori desconexas entre si. Mas essas informações e novas tecnologias podem nos ser de grande valia, se tomados os devidos cuidados de contextualização e problematização. É fato que essas inovações tecnológicas prendem mais a atenção do aluno do que uma aula baseada nos padrões antigos de ensino. Contudo, não podemos dizer que o uso dessas novas tecnologias e fontes por si só garantam um ensino não tradicional ou crítico. É preciso planejamento, tendo em vista que:

Os estudos contemporâneos que envolvem o Ensino de História, diante de suas limitações possuem características há tempo estudadas, que nos direcionam a novas abordagens, trazendo novos conceitos, e assim percebemos a responsabilidade de desenvolver mudanças no cotidiano escolar. Visto que a educação brasileira clama por transformações, baseadas, sobretudo no aprendizado que devemos buscar a todo instante de nós mesmos enquanto sociedade e também como indivíduos (BENTO, 2003, p. 10).

Logo, percebemos que o ensino de História não é algo pronto e imutável, que siga um conjunto de regras, pelo contrário, ele precisa estar em constante transformação e inovação, “se interliga a outras disciplinas, fazendo uma linguagem dos contextos introduzidos no cotidiano escolar, desenvolvendo a ele novas maneiras de representações (BENTO, 2003, p. 09).

Neste sentido, filmes a exemplo de “Ai que vida!”, que além de proporcionar distração e divertimento, traz reflexões acerca de determinados fatos e acontecimentos históricos na relação presente-passado, tornam-se de fundamental importância como fontes utilizadas em sala de aula.

REFERÊNCIAS

BENTO, Luiz Carlos. O saber histórico e o ensino de História: uma reflexão sobre as possibilidades do ensino escolar da História. **Fatos & Versões – Revista de História**, Coxim-MS, v. 05, n. 10, 2003.

CARVALHO, José Murilo de. Mandonismo, Coronelismo, Clientelismo: uma discussão conceitual. **Dados**, Rio de Janeiro, v. 02, n. 40, 1997.

FILGUEIRAS, Fernando. A tolerância à corrupção no Brasil: uma antinomia entre normas morais e prática social. **Opinião Pública**, Campinas, v. 15, n. 02, 2009.

LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto**: o município e o regime representativo no Brasil. 7. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. (versão PDF).

SOUZA, Éder Cristiano de. O que o cinema pode ensinar sobre a História? Ideias de jovens alunos sobre a relação entre filmes e aprendizagem histórica. **História & Ensino**, Londrina, v. 16, n. 01, 2010.

AGRADECIMENTOS

Neste momento de meu processo formativo do curso de História, agradecer torna-se uma tarefa difícil, simplesmente pelo fato de poder cometer o erro de esquecer de citar o nome de alguma pessoa que tenha contribuído com esse processo. Desde já peço desculpas caso esqueça de citar o nome de alguém.

Em primeiro lugar, quero agradecer a Deus por me permitir tal feito e por todos os momentos vividos. À minha família, que sempre me apoiou: minhas irmãs Flávia, Fabia e Elisangela, e minha mãe, Maria José, que mesmo diante de muitas dificuldades, sobretudo após a morte de meu pai, quando precisou fazer o papel de pai e mãe ao tempo; ela sempre soube me direcionar no caminho escolar que me forneceu a oportunidade de chegar até aqui.

Quero agradecer de coração à minha esposa Rosana, que esteve ao meu lado desde o início deste processo, como também à minha filha Lívia, que nasceu durante essa trajetória, estando hoje com cinco anos. Muitas vezes sentia-me de coração partido todas as noites que precisava me ausentar dela, motivo pelo qual tranquei o curso algumas vezes para fazer o papel de pai, já que também passava o dia distante dela por motivos de trabalho.

Não podia deixar de agradecer a todos os colegas e amigos da turma 2013.1, a saudosa turma intitulada por nós “Sociedade dos historiadores mortos”, uma referência ao filme “Sociedade dos poetas mortos”. Cada um teve sua contribuição nas ajudas diárias, nos incentivos e nas relações amigáveis uns com os outros.

Quero agradecer a todos os professores, que foram as principais ferramentas de acesso ao conhecimento. Cada um de vocês tem papel fundamental neste processo. Em especial à professora Dayane Sobreira, que mesmo eu não tendo tido a oportunidade de tê-la como professora em sala de aula, de imediato aceitou meu pedido para orientação e em nada deixou a desejar, à qual serei infinitamente grato.

Também não podia esquecer de agradecer à coordenação do curso de História e aos funcionários da UEPB – campus III.

Enfim, quero agradecer de modo geral a todos que contribuíram de alguma maneira para a realização desse sonho, permitindo-me chegar até aqui.